

Revolução e reflexo estético: a possibilidade de superação do trabalho alienado em *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas

Dapheny Day Leandro Feitosa¹

Resumo: Neste trabalho buscamos analisar a relação do trabalho e a problemática política e social na obra de José Maria Arguedas, *Os Rios Profundos*, especificamente no capítulo “O Motim”, que trata das mestiças chamadas de *chicheras*, que se armam e, desafiando o poder instituído, invadem o pátio da salineira e retiram os sacos de sal, distribuindo-os entre as classes mais pobres. Partindo da crítica marxiana do trabalho alienado, dos desdobramentos específicos assumidos pelo trabalho e os caminhos a serem percorridos para sua superação, nos propomos a perquirir o romance como arte capaz de refletir a realidade na opressão pelas classes dominantes. Segundo Engels (1990), o trabalho é a condição básica e fundamental de toda vida humana e, por meio da atividade laborativa, o indivíduo modifica a si próprio e a sociedade ao seu redor. Neste sentido, avaliaremos que, embora a revolução das *chicheras* não tivesse conseguido promover a reação dos colonos, dos mestiços e a dos índios para desencadear a luta contra seu opressor, um acontecimento de ordem natural – a peste – muda o comportamento dessas classes. A proposta desta análise é discutir como a luta das *chicheras* e suas reivindicações sobre o sal são atravessadas pela história de todos os trabalhadores, configurando que o autor conseguiu ultrapassar a perspectiva burguesa.

Palavras-chave: Os Rios Profundos, *chicheras*, trabalho alienado, revolução

Revolution and aesthetic reflex: the possibility of overcoming alienated work in *The Deep Rivers*, by José Maria Arguedas

Abstract: In this article we seek to analyze the relationship between work and the political social problematic in the work of José Maria Arguedas “Os rios profundos”, specifically, the chapter “O Motim” that deals with mixed race women, called *chicheras*, who arm themselves and, defying the established power, invade the patio of the salt evaporation pond, and remove the bags of salt, distributing them among the poorer classes. Based on the Marxist critique of alienated work, from the specific developments required by the work and the paths to be followed to overcome it, we propose to search the novel as an art capable of reflecting the reality in oppression by the dominant classes. According to Engels (1990), “work is the basic and fundamental condition of all human life and, through working ; the individual modifies himself and the society around him”. In this sense, we will evaluate that, even though the revolution of the *chicheras* did not succeed in promoting the reaction of the settlers, the mestizos and the Indians to unleash the struggle against their oppressor; a natural event - the plague - changes the behavior of these classes. The purpose of this analysis is to discuss how the fight of the *chicheras* and their claims about salt are crossed by the history of all the workers, illustrating that the author managed to surpass the bourgeois perspective.

¹ Doutoranda em Crítica Literária Dialética no Departamento de Teoria Literária –TEL-, pela Universidade de Brasília –UnB.

Keywords: Os rios profundos, chicheras, alienated labor, revolution

O capítulo que analisaremos da obra *Os Rios Profundos*, de José Maria Arguedas, inicia com o seguinte trecho,

Ao meio-dia, quando os externos estavam saindo para a rua, ouviram-se gritos de mulheres lá fora. Rondinel e eu, de pé na pequena escada que conduzia a minha sala de aula, podíamos ver a rua. Várias mulheres passaram correndo: todas eram mestiças, vestidas como as moças e as donas das chicherías. O padre diretor saiu de seu escritório, dirigiu-se ao saguão e observou a rua, olhando para um lado e para o outro. Voltou em seguida; entrou precipitadamente na direção. Tivemos a impressão de que ele estava com medo. (ARGUEDAS, 2005, p. 122)

A obra de Arguedas está construída em um recorte que, de forma condensada, nos revela a estratificação social da sociedade peruana marcada, principalmente, pela condição de subalternidade em que se encontravam colonos e índios. Essa condição é reforçada de forma clara por uma aliança estabelecida entre fazendeiros e padres que evitam a rebelião contra a elite, como pode ser visto no seguinte trecho,

Nas fazendas grandes eles são amarrados nos *pisonayes* dos pátios e pendurados num galho pelas mãos, e depois surrados. É preciso surrá-los. Choram com suas mulheres e crianças. Choram não como se os castigassem, mas como se fossem órfãos. É triste. E, ao ouvi-los, a gente também tem vontade de chorar como eles. [...]. Todos os anos os padres franciscanos vão pregar nessas fazendas; gemendo, gemendo, põem a boca no chão e choram dia e noite. E quando os *padrecitos* vão embora, se você visse” Os índios vão atrás deles. (ARGUEDAS, 2005, p. 197-198)

Neste cenário, consideraremos o fato de que não há arte desligada da luta da humanidade e que esta luta perpassa a possibilidade de superação do trabalho alienado. O conceito de trabalho alienado é um dos mais caros ao pensamento desenvolvido por Karl Marx, em sua busca por compreender as relações na forma capitalista entre capital e trabalhador. O trabalho surge como uma forma de atender as necessidades humanas, inicialmente as de sobrevivência. Contudo, para atender essas necessidades o homem

buscou na natureza ferramentas que suprissem tais necessidades. Dessa forma, ao aprimorar essas ferramentas, o homem também se aprimorava em um movimento que revelava habilidades que antes este não tinha e que se somavam a outras que ele havia desenvolvido devido ao trabalho. Neste sentido, podemos compreender que o trabalho adquire uma nova função ao extrapolar o imediatismo de suprir necessidades emergenciais e passa a ser um elemento de avanço para o desenvolvimento da humanidade.

De certo, esta percepção do trabalho não se dá no contexto do capitalismo. Dentro do sistema capitalista de produção, o trabalho serve de instrumento de opressão e desumanização. Marx, portanto, desenvolverá o conceito de *trabalho alienado* como o trabalho que, ao invés de libertar o homem através de seu altíssimo papel de potencialidade humanas, o escraviza, impede seu desenvolvimento e o animaliza, porque a relação, a partir deste momento, é de estranhamento,

Semelhante fato implica apenas que o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, se lhe opõe como *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, que se transformou em coisa física, é a *objetivação* do trabalho. A realização do trabalho constitui simultaneamente a sua objetivação. A realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização* do trabalhador, a objetivação como *perda* e *servidão do objeto*, a apropriação como *alienação*. (Marx, 1964, p. 159).

Diante dessas considerações iniciais, pensaremos a obra de Arguedas sob a perspectiva lukasiana da arte autêntica¹ ²estabelecendo, assim, a relação entre *posição teleológica* e *posição estética*³.

Ao modificar a natureza com uma finalidade, o homem cria um mundo para si, transformando-o e modificando a si mesmo. Dessa forma, o trabalho se configura como

² Luckács desenvolve durante sua trajetória intelectual o conceito de arte autêntica como aquela capaz de revelar a realidade e suas conexões e que precisa ser capaz de elevar a subjetividade do autor à condição genérica, o que significa elevar as preocupações do autor ao nível de preocupações do gênero humano (LUKÁCS, 1970).

³ Utilizaremos como referência e discussão destes termos o texto *Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács*, de Miguel Vedda.

uma possibilidade de redução dos limites impostos pela natureza. Neste sentido, para Vedda (2014, p.32), a diferença entre a *posição teológica* e a *posição estética* se dá, principalmente, porque mesmo que em ambas o homem se proponha a realizar fins predeterminados, na estética, a realização do fim presume que haja a suspensão temporária das finalidades práticas. Assim, para que o homem seja capaz de se objetivar é preciso que tenha certa autonomia sobre a necessidade imediata. Miguel Vedda esclarecerá que,

Lukács assinala que um momento decisivo no processo de constituição e autonomia da esfera estética é aquele em que o homem começa a se interessar pelas imagens plasmadas como tais, e a encontrar complacência no seu caráter no seu caráter fictício, sem vinculá-las imediatamente como um “original” externo a obra, ou com as necessidades diretas da vida cotidiana. (2014, p. 42)

Podemos compreender, portanto, que a arte caracteriza-se com um reflexo sem original, pois o autor transfigura o mundo refletido e em certos momentos é necessário divergir para então refleti-lo.

Na obra de Jose Maria Arguedas temos - assim, como em outras obras do autor – um panorama social do Peru, marcado principalmente pela questão do índio e sua situação marginalizada. Quando Ernesto, o narrador-personagem, passeia pelo vilarejo, somos apresentados a um bairro chamado de *Huanupata*, que significa “monte de lixo”. Delineando a diversidade sociocultural do bairro através dos trabalhadores, Ernesto explica que,

Nesse bairro viviam as vendedoras da praça do mercado, os peões e carregadores que trabalhavam em ofícios citadinos, os guardas, os empregados das raras casas do comércio; lá estavam as hospedarias onde se alojavam os litigantes dos distritos, os arrieiros e os viajantes mestiços (ARGUEDAS, 2005, p. 62)

Era neste bairro que viviam as *chicheras* e onde eram mais evidentes os traços da cultura inca como, por exemplo, os cantos *huaynos*, as canções e as danças que traziam pelas *chicheras* alegria e cor àquele ambiente sombrio e de tom de lamento caracterizado como

Ondas de moscas vojavam nas portas das *chicherías*. No chão, sobre os restos de comida que atiravam lá de dentro, caminhava uma espessa

manta de moscas. Quando alguém entrava nas *chicherías*, as moscas se levantavam do solo formando um redemoinho. O chão estava abatido pelo ir e vir de gente; as mesas eram baixas, e os bancos, pequenos. Tudo estava preto de fuligem e fumaça (ARGUEDAS, 2005, p. 62).

Arguedas segue construindo ao longo da narrativa uma relação visual entre a descrição dos ambientes e a narração das atividades culturais, em uma relação com o estado de marginalização e até mesmo do obscurantismo que vivem aquelas classes de trabalhadores. Nos outros bairros da cidade de Abancay, as desigualdades são percebidas nos moradores que os habitam, além da própria degradação e abandono das paisagens que revelam a miséria,

As autoridades municipais, os comerciantes, alguns terratenentes e um par de famílias antigas empobrecidas viviam nos outros bairros de Abancay. A maioria das casas tinha grandes pomares. A sombra das árvores chegavam até as ruas. Muitos pomares estavam descuidados, abandonados; seus muros, arruinados, em certos lugares quase até os alicerces. Viam-se as raízes dos espinheiros plantados no alto das paredes, as antigas calçadas, em ruínas e cobertas de galhos e mantos de folhas úmidas. Os sapos caminhavam no fundo da relva. Caudalosos regueiros de água limpa, inútil, cruzavam os pomares (ARGUEDAS, 2005, p. 66).

No entanto, não podemos deixar de mencionar que a natureza possui um papel importantíssimo na trama de Arguedas, isso, certamente, ocorre devido à ligação do autor com a história dos índios⁴. Angel Rama considera que os elementos naturais estão intrinsicamente ligados ao homem e esclarece que “todos estes elementos não se apresentam separados da espécie humana, mas relacionados com ela, acompanhando-a de alguma maneira na edificação da cultura” (RAMA, 1982, p. 164).

⁴ Quando o pai de Arguedas casa-se pela segunda vez, a madrasta – que o tratava muitíssimo mal – o envia para viver junto os *pongos* (índios) que trabalhavam na fazenda. É com eles, portanto, que Arguedas aprenderá a língua *quechua* e a respeitar os costumes e a cultura indígena.

Ainda que levemos em consideração todos esses aspectos da vida pessoal de Arguedas, podemos perceber que sua obra não se enquadra no estilo meramente panfletário das questões sociais do povo peruano ou da situação dos povos indígenas no Peru, pelo contrário, em sua obra é perceptível um desejo de “transcender o existente e se enlaça com uma atenta exploração do real” (VEDDA, 2014, p. 46).

A tentativa de revolução empreitada pelas *chicheras* na narrativa, no capítulo “O Motim”, em que as mulheres invadem o pátio da salineira e retiram os sacos de sal para então dividi-los com os mais pobres, configura um movimento precursor da revolução socialista como pode ser visto no trecho, “começou a partilha. Não houve desordem. Com facas, as *chicheras* encarregadas abriam os sacos e enchiam as mantas das mulheres. Depois saíam pela loja, e as que estavam no saguão se aproximavam” (ARGUEDAS, 2005, p. 128).

Ainda que saibamos que a obra de Arguedas traz muito do seu posicionamento político, este capítulo não se esvazia em um panfleto da revolução socialista. Todos os elementos que estão na narrativa naquele momento justificam-se internamente na obra e se ligam à história.

O entrave entre a *chichera* líder e o padre revela como o clero, juntamente com os fazendeiros, oprimia a classe dos trabalhadores

O padre diretor avançava entre as mulheres, escoltado por dois frades. Suas vestes brancas se destacavam entre as mantilhas multicoloridas das mulheres. Chegou junto ao arco da torre, diante da *chichera*. Levantou o braço como se fosse benzê-la; depois falou com ela. Não conseguíamos ouvir a voz do padre; mas pela expressão da mulher compreendemos que lhe rogava. (...)

–Não, filha. Não ofenda Deus. As autoridades nã têm culpa. Eu lhe digo isso em nome de Deus.

- E quem vendeu o sal para as vacas das fazendas? As vacas vêm antes das pessoas, padrecito Linares? (ARGUEDAS, 2005, p. 125)

A revolução das *chicheras* não tem sucesso e elas são forçadas a devolver o sal. As *chicheras* não obtém êxito, principalmente pela falta de apoio das outras classes dominadas, “de algumas sacadas, nas ruas do centro, insultavam-se as *cholas*. – Ladronas !

Excomungadas! Não apenas as senhoras, mas também os poucos cavalheiros que viviam nessas casas, xingavam das sacadas” (ARGUEDAS, 2005, p. 125). A luta das mulheres é estranha aos colonos e aos índios, ainda que estes também fossem oprimidos. Neste sentido, os interesses individuais apresentam-se como distintos dos interesses coletivos.

Sabemos que é com a ascensão da burguesia que a humanidade tem, pela primeira vez, uma conduta consciente em que o ser social torna-se unicamente responsável por seu destino. A despeito disso Marx esclarece que

É precisamente esta contradição entre o interesse particular e o interesse coletivo que faz com que o interesse coletivo adquira, na qualidade de Estado, uma forma independente, separada dos interesses reais do indivíduo e do conjunto e tome simultaneamente a aparência de comunidade ilusória (MARX, 2016, p.18)

Compreendermos, portanto, a revolução empreendida pelas *chicheras* como uma ação atravessada pela luta de todos os trabalhadores diante do trabalho alienado. Este, por sua vez, estabelece uma relação dialética com a propriedade privada configurando dependência. Dessa forma, a propriedade privada é um produto do trabalho alienado, mas, ela também é o meio pelo qual ele se aliena.

Mesmo que a revolução das *chicheras* não conseguisse a união entre índios e colonos contra a opressão sofrida pelas classes dominantes, a peste faz com que este cenário se modifique

- Não está sabendo, menino? Ontem à noite, um guarda morreu. Cortou um oraya com seu sabre, dizem que a golpes, quando os colonos estavam passando. Já não faltavam muitos. Oito, dizem, caíram-no Pachachaca; o guarda também. Quiseram encurralar os pobres colonos na beira do rio não conseguiram. Desceram os índios desta banda, e, como formigas, apertaram os guardas. Coitadinhos! Eram apenas três. Não dispararam, eles também não fizeram nada aos guardas. Os “civis” já chegaram, agora. Estão contando. Dizem que todos os guardas vão agora com metralhadora para cortar o caminho aos colonos. Mentira, menino! Não vão conseguir. Eles vão subir por todos os morros. Eu sou o cabo da reserva... (ARGUEDAS, p. 305)

É a epidemia, portanto, que faz com que as classes marginalizadas, antes desunidas, sejam obrigadas a se unirem para combaterem a adversidade natural e por fim saírem do estado de inércia que se encontravam. Assim, podemos compreender a arte como um movimento que parte da vida cotidiana e volta para ela no momento da recepção produzindo uma elevação da casualidade e da subjetividade humana.

O mundo criado pelo autor na obra literária mostra a essência da problemática que está refletindo, mas também se submete à ordem histórica que a determina, porque depende desta realidade histórica. Dessa forma, Lukács esclarece que os “problemas da vida tomam formas especificamente estéticas, se resolvem esteticamente de acordo com elas, e assim os logros da conquista estética desembocam ininterruptamente na vida cotidiana, enriquecendo-a objetiva e subjetivamente” (2002, p. 68).

De certo, a peste na narrativa de Arguedas possui um caráter simbólico a respeito das desigualdades sociais provocadas pela inexistência de escrúpulo por parte da elite política daquela região. Mais uma vez na obra podemos perceber a sugestão de que este cenário existe com concordância e apoio da igreja, como no trecho,

O colono é como galinha; pior. Apenas morre, tranquilo. Mas a peste é maldição. Quem manda a peste? É maldição! “Ingreja, igreja; missa, padrecito!”, estão gritando, dizem, os colonos. Não há mais salvação, pois, missa grande dizem que querem, do padre grande de Abancay. Depois irão sentar, tranquilos,; morrerão tiritando, tranquilos. Até aí vão empurrar forte, ainda que como nuvem ou como vento saiam os civis. Chegarão, apenas. Já devem estar chegando. (...) Talvez ouvindo missa os índios se salvem (ARGUEDAS, 2005, p. 306).

A igreja possui um papel central na situação do povo de Abancay, seja ao promover a desigualdade, através do apoio dado às elites políticas ou ainda por condicionar as classes oprimidas a acreditarem que uma “missa grande” resolveria o problema da maldição.

Diante do cenário imposto pela peste, o destino daqueles personagens muda em consequência das relações sociais, o que determina que a sociedade não é contraposta do indivíduo e que a generidade humana só é possível em relação com os outros. Esse movimento é perceptível na obra de Arguedas, principalmente pelo fato de

que ela não surge como a ideia redutora de que o mundo está acabado ou está no seu máximo, pelo contrário, o autor não aceita este impulso de impossibilidades. Não obstante, as possibilidades surgem da própria obra, de formas intrínsecas a ela, dissolvendo o mundo humano e refletindo-o de forma orgânica.

Há, portanto, na união de todas as classes oprimidas uma reestruturação da organização social o que, por conseguinte, configurará no declínio das oligarquias políticas. No entanto, no fim da narrativa, com a partida de Ernesto de Abancay, temos uma idealização por parte do narrador a respeito do que índios e colonos fariam para o extermínio da peste, mas sem termos certeza de sua aniquilação, e quem sabe trazerem de volta a liberdade tomada pela peste,

Iam chegar a Huanupata, e lá, juntos, cantariam ou lançariam um grito final de *harahui*, dirigido a mundos e matérias desconhecidas que precipitam a reprodução dos piolhos, o movimento miúdo, e tão lento, da morte. Talvez o grito alcançasse a mãe da febre e a penetrasse, fazendo-a estourar, transformando-a em pó inofensivo que se esfumasse atrás das árvores. Talvez (ARGUEDAS, p. 314).

Na obra de Arguedas que analisamos aqui – no recorte específico do capítulo “O Motim” – buscamos retratar esta narrativa como uma representação do mundo, todavia sem estabelecer uma relação mecânica entre o que o autor é ou pensa e o que ele realiza em sua obra, percebendo na totalidade do texto literário, neste mundo criado e condensado, que parte do cotidiano e se instala no interior de um conflito não resolvido, mas que não se volta para objetivos imediatos, pelo contrário, estabelece uma forma de posicionar-se consciente diante da realidade social em que está inserido o autor.

A revolução liderada pelas *chicheras* na distribuição do sal não teve sucesso porque as classes dominadas não conseguiram unir-se contra as oligarquias políticas de Abancay e a doutrinação do clero, além de não conseguirem ultrapassar a visão apologética do trabalho alienado. Todavia, da peste surge uma possibilidade de revolução, de reorganização social, através das ações humanas diante desta tragédia natural. Arguedas não traz uma solução mágica ou fantasmagórica para a narrativa, as possibilidades surgem da vida intensa construída na obra literária e da vida cotidiana das personagens.

A luta das *chicheras* pelo sal surge como metáfora de combate contra a alienação do trabalho. Para Marx (1964.p. 161), “quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem de consumir; quanto mais valores cria, tanto mais sem valor e mais indigno se torna”. Dessa forma, o sal dado às vacas e negado as mestiças significam a própria desvalorização do trabalhador diante do que produz “– E quem vendeu o sal para as vacas das fazendas? As vacas vêm antes das pessoas, *padrecito* Linares?” (ARGUEDAS, 2005, p. 306). .

No entanto, diferentemente da visão apologética burguesa, na obra de arte as possibilidades não estão findadas e as soluções para as contradições são dadas pelas ações humanas das personagens que fazem escolhas e que caminham no interior da obra literária com seus próprios pés.

Referências Bibliográficas

ARGUEDAS, José María. *Os rios profundos*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LUKÁCS, Georg. *Estética: la peculiaridade de lo estético*. Traduzido por Manuel Sacristán. Barcelon / México: Grijaldo, 1966.

_____. *Introdução a uma estética marxista*. 2ªed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 1970

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964.

_____. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 71p. Disponível em <http://www.pet.eco.ufrj.br/images/PDF/ideologia-alema.pdf> Acesso em: 22 de junho de 2017.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo Veintiuno editores, 1982.

VEDDA, Miguel. *Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács*. In: VAISMAN, Ester e VEDDA, Miguel (organizadores). *Lukács: estética e ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014.